



PARECER REFERENTE A SOLICITAÇÃO DE REGISTRO DA FEIRA
DE CARUARU COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Da instrução do Processo:

Logo após a promulgação do Decreto 3551/2000, o Conselho Consultivo recomendou a área técnica do IPHAN que instrísse, pelo menos, um processo de Registro relacionado com cada uma das categorias de bens culturais, com vista à consolidação dos procedimentos técnicos e administrativos necessários para os Registros. Um dos bens selecionados para testar a categoria **Lugar** foi a Feira de Caruaru. Assim, a partir de 2004 foi iniciado a elaboração do Inventário de Referência Culturais, sob a coordenação da 5ª Superintendência Regional, dirigida por Frederico Faria Neves Almeida, tendo sido incumbida da Coordenação do Projeto a senhora Mabel Leite Maia Neves Batista. Foi, então, realizada uma ampla pesquisa documental e de campo, que incluiu numerosos registros fotográficos e audiovisuais.

Em 8 de março de 2006, foi aberto o Processo nº 01450.002945/2006.24, em atendimento à solicitação encaminhada ao Sr.



Presidente do IPHAN, em 24 de fevereiro de 2006, pelo Prefeito de Caruaru, Sr. Antônio Geraldo Rodrigues da Silva. Anexas a essa solicitação foram encaminhadas as informações básicas requeridas para a abertura do Processo, além do encaminhamento de quinze pronunciamentos de autoridades e dirigentes de entidades culturais e comerciais da cidade.

Em 25 de setembro de 2006, o Sr. Superintendente da 5ª S.R. encaminhou ao Departamento de Patrimônio Imaterial a documentação relativa a Instrução do presente processo, fruto do trabalho iniciado dois anos antes. Junto ao Dossiê foram também remetidos CDs e DVDs.

Em 30 de outubro de 2006, a Sra. Márcia Sant'Anna, Diretora do Departamento de Patrimônio Imaterial, encaminhou a Procuradora Federal e ao Presidente do IPHAN, O Parecer nº 5, recomendando o prosseguimento do Processo.

Em 10 de novembro, a Dra. Teresa Beatriz da Rosa Miguel, Procuradora Chefe do IPHAN, encaminhou ao Sr. Presidente para as providências cabíveis, que foram iniciadas pela publicação do Aviso no Diário Oficial da União, em 6 de novembro, em conformidade com o parágrafo 5º do artigo 3º do Decreto 3551/00.

Finalmente, em 22 de novembro o processo foi encaminhado pelo Presidente do IPHAN a este Conselheiro, que considera que foram tomadas as

medidas legais para a aprovação do Registro da Feira de Caruaru, como Patrimônio Cultural Imaterial.

Do histórico da Feira de Caruaru:

Pelos dados contidos no Dossiê podemos resumir a história da Feira de Caruaru. História esta que se inicia no final do século XVII, quando chegam às margens do rio Ipojuca os familiares do cônego Simão Rodrigues de Sá para ocupar as terras que lhes foram concedidas por ato de 2 de junho de 1761, sendo essas terras antes ocupadas por índios Cariri, que a denominavam de Cararu ou Caruaru. Os recém chegados formaram várias fazendas de gado, sendo que a última, a de Caruaru, data do início do século XVIII.

A fazenda de Caruaru estava situada em um dos caminhos do gado, sendo comum que vaqueiros, tropeiros e mascates a usasse como pouso, como era costume da época.

Em 1781, José Rodrigues de Jesus iniciou a construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que foi inaugurada em 5 de outubro de 1782. O lugar tornou-se, ainda mais, um ponto de convergência. Nos domingos e dias santos, os moradores de uma ampla vizinhança dirigiam-se para a capela para “assistir missas, batizados e casamentos, receber as bênçãos do padre, encontrar conhecidos, parentes e compadres”. Mais do que um lugar



de sociabilidade e religiosidade, a região do entorno da capela foi se transformando em um espaço de trocas comerciais. Os moradores da região traziam os seus produtos (inclusive animais) para serem permutados. É provável que a maioria das transações se efetuasse pelo método do escambo. Os mascates freqüentemente apareciam, nessas ocasiões, para oferecer os seus produtos. Pouco a pouco, um pequeno povoado foi se formando ao redor da Capela.

No final do século XVIII, o número de casa aproximavam-se de trezentas. Esse crescimento deveu-se, também, a construção da Estrada Real, ligando Cabobró a Recife. Em 1811, o lugarejo tornou-se o distrito de Santo Antão. A Feira iniciada logo após a inauguração da Capela continuou crescendo. Esse crescimento foi ainda maior quando, em 1854, iniciou-se a construção da Estrada ligando a Zona da Mata ao Sertão, passando por Gravatai, São José dos Bezerros, Caruaru, São Caetano da Raposa e Pesqueira.

Em 1855, um surto de cólera morbus prejudicou as atividades da Feira, mas a partir de 1863 o seu crescimento voltou a crescer, desta vez com grande intensidade. A Guerra Civil americana obrigou aos ingleses procurarem por novos mercados de algodão. A região de Caruaru foi escolhida, surgiram



novos investimentos além da construção de Usinas de Beneficiamento e, até mesmo, a construção de uma ferrovia, a Ferrovia Great Western.

Antes disto, em 1857 a Vila de Caruaru foi elevada à categoria de cidade. Tinha então se tornado em um importante centro regional.

No século XX, a Feira foi diversificando o seu campo de atuação. Entre os anos 30 e 60, cresce a indústria de couro em Caruaru. Entre os anos 20 e 40, as vendas de folhetos de cordéis atingem o seu ápice. Nos anos 40 e 50, as boleiras de Caruaru ganham destaque. Pequenas indústrias surgem em Caruaru e cidades vizinhas, sendo que grande parte da produção é comercializada na Feira. A indústria de roupas populares é a maior delas, criando milhares de empregos.

Uma grande modificação ocorreu, em época recente, com a localização da Feira. Em seus primórdios ela circundava a pequena Capela. Já em pleno século XIX tinha se espalhado pelas ruas centrais da cidade, o que não deixava de causar algum tipo de transtorno. Já em 1853, o Sr. Caetano Alves da Fonseca, vereador, fez uma petição ao Presidente da Província propondo a mudança da Feira para outro lugar, o que provocou uma reação contrária por parte da Câmara Municipal que se posicionou contra, alegando que a mesma funcionava naquele lugar há 35 anos. Desde os anos 80 do século 20, com o grande crescimento da cidade e o aumento do número de veículos

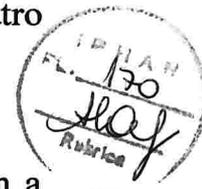


automotores, a mudança da Feira se tornou um tema constante. Em maio de 1992, a Feira foi transferida para o Parque 18 de maio, que tem uma área de 154.400 metros quadrados. A extremidade norte do Parque dista apenas 100 metros da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Como já foi dito, a Feira se diversificou. Para os freqüentadores atuais ela é um conjunto de segmentos. Em outras palavras, uma Feira constituída por várias Feiras. Quatro desses segmentos se destacam pela sua dimensão; Feira da Sulanca, Feira do Artesanato, Feira do Gado e a Feira dos Importados (ou do Paraguai). Esses segmentos estão associados a um outro conjunto, a denominada Feira Livre que, por sua vez, é constituída das Feiras de Frutas e Verduras, Feira das Raízes e Ervas Medicinais, Feira do Troca-Troca (que mantém a tradição original do escambo), Feira de Flores e Plantas Ornamentais, Feira do Couro, Feira Permanente de Confecções Populares, Feira dos Bolos, Seção de Gomas e Doces, Feira de Artigos de Cama, Mesa e Banho, Feira das Ferragens e Feira do Fumo. A maior parte delas funciona de segunda a sábado, mas algumas têm um funcionamento mais restrito, como a do Gado que somente funciona um dia por semana.

Embora no Dossiê exista uma descrição minuciosa de cada uma dessas Feiras nos limitamos apenas a sua enumeração devido a exigüidade de espaço

e de tempo. Contudo faremos uma breve menção para cada uma das Quatro Feiras que não estão incluídas na Feira Livre.



A Feira da Sulanca funciona em uma área diminuta do Parque, com a exceção das 3ª feira quando a sua dimensão atinge 39.635 metros quadrados, ocupando as ruas próximas ao Parque. Mobiliza cerca de 22 mil vendedores, grande parte deles vindo das cidades vizinhas. O seu principal produto são confecções populares, que são vendidas em carroças, carros e até mesmo em sacolas. A sua importância decorre do fato de comercializar os produtos de cerca de 12000 empreendimentos industriais, gerando 76.000 empregos.

A Feira de Artesanatos é a talvez a mais procurada pelos turistas. Funciona de segunda a sábado. Entre os artesanatos comercializados destacam-se os de barros, tornados famosos pelo Mestre Vitalino. Os seus ateliês continuam, como no tempo do Mestre Vitalino, no Alto do Moura. A cerâmica utilitária é tão antiga quanto a própria Feira, mas foi Vitalino que inovou ao criar o que chamou de “louças de brincadeiras”, inicialmente miniaturas de peças utilitárias, destinadas a serem brinquedos para crianças; em seguida, peças representando seres humanos e animais; e, finalmente cenas dos costumes locais. Vitalino deixou um grande número de seguidores, sendo Manuel Eudócio o mais conhecido.



A Feira do Gado é a mais distante do Parque, está situada no bairro do Cajá, defronte ao Aeroporto de Caruaru. Funciona, apenas, na quarta feira, mas desde a segunda feira, a atividade é intensa com a chegada dos participantes e seus rebanhos. A comercialização não é apenas do gado bovino, mas também de cavalos, bodes, artigos em couro e utensílios indispensáveis para as atividades dos vaqueiros. É necessário lembrar que a o comercio de gado faz parte das atividades da Feira de Caruaru, desde o seu início.

A Feira dos Importados está localizada em lugar contíguo ao da Feira da Sulanca e o fluxo maior de compras ocorre nos dias que esta funciona. Grande parte dos produtos vendidos é importada do Paraguai, daí o nome popular dessa Feira. São relógios, carteiras, rádios, pilhas, bijuterias, perfumes, aparelhos eletrônicos, televisores, câmaras, celulares, etc. o fato de que muitos dos objetos vendidos são falsificados ou importados ilegalmente, levou a coordenação técnica do Projeto a não incluir a Feira do Paraguai dentre as Feiras de Caruaru, “embora ela possua uma tal riqueza de significados para a população que tem um lugar importante como centro de relações e de contatos culturais”.

Essa descrição, baseada no Relatório Técnico elaborado pelo Coordenador da Equipe Técnica Externa, Bartolomeu Figuerôa de Medeiros



(Frei Tito), demonstra a complexidade da Feira e mostra como diz a canção de Onildo Almeida, popularizada pela voz de Luiz Gonzaga: “De tudo o que há no mundo, ela tem para vender”.

Do Parecer:

Em nossa herança cultural, proveniente de nossos antepassados europeus, as Feiras ocupam um lugar importante. Não é atoa que essa palavra é utilizada em nosso vocabulário para designar os dias da semana. O significado da palavra nos remete a um lugar destinado a um comércio aberto que acontece apenas em alguns dias do ano, geralmente associado às festas religiosas. Com muita freqüência, como aconteceu com Caruaru, as Feiras são responsáveis pelo surgimento de cidades. No século XII, a Feira de Champagne estabelecia um vínculo entre Flandes e a Itália. Na mesma época eram também importantes as Feiras de Frankfurth e Antuérpia. Já naquela época, as Feiras periódicas não constituíam apenas um lugar de trocas e transações comerciais, mas também um espaço para a sociabilidade e o divertimento: “Ciganos, saltadores, acrobatas, e outros performancionistas vagavam de feira em feira divertindo os seus variados públicos com suas cambalhotas e contorções. Os dias santos eram também feriados e também uma oportunidade para o divertimento comunitário” (cf. Walter Minchinton,



“Patterns and Structure of Demands, 1500-1750”, in *The Fontana Economic History of Europe*, ed. Carlo Cipolla, Collins/Fontana Books, Londres, 1976).

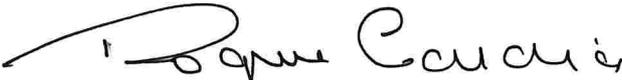
Portanto, o referencial de uma Feira é o lugar, e o lugar é Caruaru. Não importa que, no final do século XX, a Feira tenha trocado as ruas pelo Parque. Foi uma adaptação aos novos tempos, mas vimos que a força da tradição delongou essa mudança por mais de um século.

A Feira de Caruaru são muitas feiras. O coordenador técnico externo, em seu parecer, recomendou no final da descrição de cada feira que esta fosse incluída no Registro. Em apenas um caso ele adiou essa decisão (Feira dos Importados). O Relator têm uma opinião divergente: o Registro deve ser da Feira de Caruaru como um lugar, sem a necessidade de estender, ou não, para cada um de seus segmentos. Pois, com a exceção de um núcleo fundador que permanece, os demais segmentos podem se transformar ou desaparecer, em função das transformações da própria sociedade e da própria cultura. No século XIX não havia Feira de Importados, talvez no século vindouro será outra a configuração dos diferentes segmentos que a compõem. Mas a Feira de Caruaru continuará com as sua tradição e suas inovações, com as suas histórias, frutos do imaginário de Rosinhas e Raimundos, gentes simples do Agreste, que encontraram na Feira o seu trabalho e o seu sustento.



Finalmente, o parecer do Relator é favorável ao Registro da Feira de Caruaru, no livro dos lugares, como Patrimônio Cultural do Brasil.

Santos, 7 de dezembro de 2006.


Roque de Barros Laraia

Conselheiro

Observação: Para a elaboração deste Parecer o relator utilizou os dados contidos no Dossiê, principalmente os do Relatório da Comissão Técnica Externa, redigido por Bartolomeu Figueirôa de Medeiros, da UFPE, e do Parecer da Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial, Márcia Sant'Anna.